

# A categoria do edificante na construção da ética segunda em Kierkegaard

The category of the edifying in the construction of the second  
ethics in Kierkegaard

Jorge Miranda de Almeida<sup>1</sup>  
mirandaj@uol.com.br  
jorgemiranda@hotmail.com

**RESUMO:** O presente artigo tem como finalidade analisar a importância do conceito de edificação para a “ética segunda” em Kierkegaard. Para isso, procederemos com a análise do próprio conceito de edificação, relacionando-o a outras categorias existenciais desenvolvidas através da obra de Kierkegaard e, mais especificamente, ao seu papel na tríade *amor, interioridade e edificante*. Neste sentido, o artigo trata do projeto de uma ética existencial radicalmente baseada na noção de alteridade, na qual o existente realiza-se ao desenvolver a consciência da dialética do dom e da tarefa, ato este que, por sua vez, faz do *indivíduo*, tal qual entendido por Kierkegaard, um *ser-para-os-outros*.

**Palavras-chave:** edificação, ética segunda, amor, alteridade.

**ABSTRACT:** This essay analyzes the importance of the concept of edification for the project of a “second ethics” in Kierkegaard’s thinking. For that purpose, it discusses the concept of edification itself, relating it to other existential categories developed throughout the works of Kierkegaard and more specifically to its role in the triad *love, inwardness and edifying*. In this sense, the essay deals with the project of an existential ethics radically based on the notion of otherness, in which the existing person realizes him/herself by becoming conscious of the dialectics of gift and task. This act of becoming conscious, in turn, renders the *individual*, as understood by Kierkegaard, a *being-for-others*.

**Key words:** edification, second ethics, love, otherness.

---

<sup>1</sup> SUESC-Sociedade Unificada de Ensino Superior e Cultura – Faculdade de Economia e Finanças do Rio de Janeiro; IFITEPS – Instituto de Filosofia e Teologia Paulo VI.

A categoria do edificante – *det Opbyggelige* – designa, na produção direta e indireta kierkegardiana, o processo da interiorização do indivíduo singular que, por sua vez, está diretamente relacionada com a superação da ética primeira, pois coloca o valor da ação na dinâmica da relação única entre a liberdade derivada do Singular e a liberdade simples do totalmente TU, demonstrando dessa forma que a relação entre Deus e a pessoa humana e entre o singular humano e Deus é de natureza estritamente pessoal. Em *Obras do Amor*, encontra-se a síntese do projeto kierkegardiano: “a abnegação, o autodomínio e o auto-sacrifício que são um projeto no interior da realidade temporal” (Kierkegaard, 1983, p. 296; 2005, p. 157), mas essa tríade adquire o sentido da eternidade quando são relacionados com a “seriedade cristã” (Kierkegaard, 1983, p. 297; 2005, p. 157), que é a categoria existencial por excelência. A relação se reduplica na concretização do indivíduo singular e na afirmação de sua singularidade, que é construída na interioridade e sacrifica-se voluntariamente sem exigir nenhuma recompensa, na gratuidade do amor que promove o amor do amado. Em síntese, Kierkegaard retoma o preceito do Evangelho ao afirmar que ninguém tem maior amor do que aquele que doa a própria vida pelo amor do amigo ou do irmão.

A categoria do edificante é fundamental na ética segunda porque é a condição para que o indivíduo singular possa entrar em si mesmo e na gestação de si mesmo, no cultivo da interioridade, realizar a *passagem qualitativa* do dom em tarefa, uma vez que “a realidade (a realidade histórica) entra em relação com o sujeito numa dupla maneira: parte como um dom, que não se deixa desenhar, e parte como uma tarefa, que quer ser realizada” (Kierkegaard, 1991, p. 238). Dessa forma, existe um nexos inseparável entre o cultivo da interioridade e a prática da virtude, porque quem não se conhece não tem capacidade para optar em primeira pessoa e ser responsável por suas escolhas<sup>2</sup>. É nesse sentido que Kierkegaard afirma categoricamente: “A ética é interioridade” (Kierkegaard, 1993, p. 334). Conhecer equivale existencialmente a edificar-se, constituir-se e construir-se em bases sólidas. Por isto, esta categoria é o eixo norteador de todas as outras categorias existenciais, sendo a base da seriedade-*det Alvor*, da subjetividade-*Subjektivitet*, da ética segunda, do tornar-se extraordinário-*Overordentlige*, da interioridade-*Inderlighed*, do testemunho da verdade-*Sandheds-Vidne*, da liberdade-*Frihed* e da verdade-*Sandhed*, porque, de acordo com Kierkegaard, se “só a verdade que edifica é verdade para ti”, isto equivale a afirmar “que a verdade é a transformação do sujeito em si-mesmo” (Kierkegaard, 1993, p. 279). O mesmo pode ser afirmado com relação a cada categoria existencial, pois somente o que é capaz de edificar é capaz de elevar o indivíduo a se constituir em pessoa humana, pois se a vida é um dom, existir é uma tarefa de cada indivíduo na imensidão do esforço e da sua responsabilidade.

No primeiro capítulo da segunda parte dos *Discursos cristãos*, Kierkegaard pergunta: “com efeito, que coisa é o edificante?” (Kierkegaard, 1964, p. 107). A resposta não poderia ser diferente: é um motivo de espanto, porque “se dirige não a quem está bem, mas a quem está doente, não a quem é robusto, mas àquele que é fraco, mas deve ser um motivo de espanto também para o homem que é são e vigoroso” (Kierkegaard, 1964, p. 108). Nesta nova perspectiva, o edificante é o homem de bem, aquele que se torna o bom samaritano e se faz próximo, independentemente de cor, credo, sexo, religião, posição social, etc. Eis em primeira mão a síntese da ética da alteridade desenvolvida por Lévinas ao afirmar a prioridade do estrangeiro como momento e mandamento primeiro da ética<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> A valorização da interioridade está presente na tradição filosófica desde Heráclito até os grandes filósofos contemporâneos. É a condição da originalidade. Sua valorização pode ser confirmada em Sócrates, Agostinho, Sêneca, Boécio, Galileu, Descartes, Nietzsche, Heidegger, Kierkegaard e Wittgenstein, entre outros.

<sup>3</sup> A predominância do próximo em relação a mim mesmo, caracteriza a essência da ética-segunda em Kierkegaard e Lévinas: ética pautada no amor e na gratuidade, em que o outro tem na doação a prioridade sobre mim e que suscita a resposta afirmativa do “eis-me aqui” (Cf. E. Lévinas, 1993, 2000, 2002).

Enquanto para os filósofos gregos o espanto era o extasiar-se e procurar o sentido diante de uma realidade primeiramente externa, os astros, a natureza, o belo, para Kierkegaard, esta é uma categoria que deve “escavar profundamente dentro de si mesmo” (Kierkegaard, 1964, p. 108), porque assim como o químico é capaz de transformar o veneno em remédio, assim o “espanto é capaz de transformar o temor na coisa mais estupenda, no edificante” (Kierkegaard, 1964, p. 108).

É a sede da verdadeira vida que deve ser a causa do edificante, e esta verdadeira vida se encontra no amor<sup>4</sup>. Em *Obras do Amor*, Kierkegaard desenvolve uma ampla análise do conteúdo da expressão paulina de que o amor edifica-*men Kærligheden opbygger*<sup>5</sup>. Edificar é essencial para que o indivíduo singular possa superar o estágio “vegetativo-sensitivo” (Kierkegaard, 1983, p. 388) e adquirir consciência do que realmente está destinado a ser. Superar este estágio através do despertar da consciência e do interesse causado pelo espanto em descobrir as raízes profundas do existir não é uma tarefa fácil, porque, logo depois, vem o estágio “sensitivo-psíquico” (Kierkegaard, 1983, p. 386) e, por último, o estágio do espírito, em que o indivíduo singular se torna “consciente de si mesmo como espírito” (Kierkegaard, 1983, p. 387). Edificar não é só construir a si mesmo, porque aquele que constrói não necessariamente edifica, mas aquele que edifica seguramente constrói em bases sólidas. É por isso que a seriedade consiste em edificar verdadeiramente o indivíduo em suas dimensões vitais de maneira equilibrada, para que ele não se torne rico de um lado e esfomeado de outro, tornando-se, assim, presa fácil da esquizofrenia que domina o mundo.

Edificar é construir alguma coisa em altitude partindo de *um fundamento*. O fundamento por excelência é Cristo<sup>6</sup>, o que implica por parte do indivíduo singular a opção no *temor e tremor* pelos valores eternos em detrimento dos valores temporais, isto é, ou ele vive nas categorias estéticas e permanece na esfera da animalidade psico-sensorial ou ele existe nas categorias da ética-segunda e, superando a animalidade, constitui-se a si mesmo em individualidade humana, transformando-se em Unicidade, Singularidade e em Exceção. Em linguagem paulina, edificar é construir o homem regenerado em Cristo, portanto, o homem novo, que é a superação do homem “psico-sensorial em homem espiritual” (Kierkegaard, 1983, p. 388; 2005, p. 240) este “elevar” indica certamente a direção em altura “mas somente quando a altura tem no mesmo instante o seu oposto na profundidade” (Kierkegaard, 1983, p. 388).

Edificar é a categoria existencial por excelência que efetua a passagem do temporal ao eterno (Kierkegaard, 1980, vol. 3, p. 132), mas ao mesmo tempo, exige que a eternidade seja existencialmente vivida no aqui e agora com toda intensidade e paixão, do contrário a edificação seria em vão. Portanto, edificar é construir a partir de um fundamento. E qual é o fundamento para o existir humano? Aquele que penetrou em profundidade em si-mesmo, que descobriu sua realidade mais profunda e, a partir da edificação, realizou a síntese de temporal e eterno, finito e infinito, necessidade e liberdade, tornando-se um homem. É precisamente este movimento que Kierkegaard desenvolve no *Conceito de Angústia* ao identificar a interioridade como consciência de si, necessária à individualização do si mesmo no interior da espécie:

[...] mas não a consciência de um eu puro, mas a de um eu tão concreto como nenhum escritor, mesmo o mais rico em palavras, mesmo o mais poderoso na descrição conse-

<sup>4</sup> Jo 4, 7-14; 6, 37-39; Is 58,11

<sup>5</sup> A expressão correta é: a ciência incha, mas o amor edifica. 1 Cor 8,1.

<sup>6</sup> 1Cor 3,10

guiu traçar, mas que todo e qualquer homem pode descobrir em si mesmo. Esta consciência do eu não se resume na mera contemplação; quem o supuser nunca se compreendeu... Assim a consciência do eu é uma ação que, por seu turno, se revela como interioridade (Kierkegaard, s.d., p. 214).

Estamos no âmago da ética-segunda, porque a interioridade como consciência de si equivale a liberdade que por sua vez depende do cultivo da edificação para que o indivíduo singular seja edificante em suas ações, isto é, possa reduplicar-se em cada ação que desenvolva. É nesse sentido que deve ser compreendida a passagem da *Doença para a Morte* em que Kierkegaard primeiramente define o eu como relação<sup>7</sup> e posteriormente como *liberdade*<sup>8</sup>. Mas a liberdade na ética-segunda, fruto da categoria do edificante revela-se em plenitude na encarnação e serviço, isto é, como abnegação de si mesmo e amor ao próximo:

A interioridade exigida é aqui a da abnegação ou renúncia de si, que não se define mais proximamente em relação com a noção do amor da pessoa amada (do objeto) mas sim em relação com auxiliar a pessoa amada a amar a Deus. Daí segue que a relação de amor, enquanto tal, pode constituir-se no sacrifício que é exigido. A interioridade do amor deve estar disposta ao sacrifício, e mais: sem exigir nenhuma recompensa (Kierkegaard, 2005, p. 156).

É a ação suprema da liberdade: o reconhecimento por parte do indivíduo singular que a verdadeira liberdade encontra-se na doação de si mesmo ao outro e quanto mais se doa, mas torna-se livre. Este ato, por sua vez, implica a humildade para produzir o reconhecimento, que sendo relação, o indivíduo singular precisa da dimensão do outro para se tornar um verdadeiro eu. Kierkegaard utiliza a metáfora extraída do Evangelho de Lucas que sintetiza bem a importância do cultivo do edificante para que o homem possa resistir às tentações e pressões do cotidiano, da massa, da multidão e das facilidades que seduzem e cegam o indivíduo para a realidade ética.

Qualquer que vem a mim e ouve as minhas palavras, e as observa, eu vos mostrarei a quem é semelhante: é semelhante ao homem que edificou uma casa, e cavou, e abriu bem fundo, e pôs os alicerces sobre a rocha; e, vindo a enchente, bateu com ímpeto a corrente naquela casa, e não a pôde abalar, porque estava fundada sobre a rocha. Mas o que ouve e não pratica é semelhante ao homem que edificou uma casa sobre terra, sem alicerces, na qual bateu com ímpeto a corrente, e logo caiu; e foi grande a ruína daquela casa<sup>9</sup>.

É necessário estabelecer a tríade amor, interioridade e edificante para que a fundamentação da categoria do edificante possa adquirir a importância estrutural da ética segunda. No *Post-scriptum conclusivo não científico* Kierkegaard afirma que "o amor é uma determinação da subjetividade" (Kierkegaard, 1993, p. 327) e está relacionado diretamente com o edificante porque edificar é uma propriedade exclusiva do amor:

<sup>7</sup> "O homem è espírito. Mas o que é espírito? É o eu. Mas, nesse caso, o eu? O eu é uma relação, que não se estabelece com qualquer coisa de alheio a si, mas consigo própria... O homem é uma síntese de infinito e finito, de temporal e de eterno, de liberdade e necessidade, é, em suma, uma síntese" (Kierkegaard, 1974, p. 337).

<sup>8</sup> "O eu è formado de finito e infinito. Mas a sua síntese é uma relação que, apesar de derivada, se relaciona consigo própria, o que é a liberdade. O eu é liberdade" (Kierkegaard, 1974, p. 349).

<sup>9</sup> Lc 6, 47-49

contudo, é verdadeiramente assim: a edificação é exclusivamente característica do amor; mas por outro lado, esta qualidade ainda tem edificantemente a característica de poder entregar a tudo, de participar de tudo – exatamente assim como o amor. Assim vemos que o amor em sua qualidade característica não se isola; nem se obstina numa certa independência ou num “ser para si” enfileirado como o resto: porém, ele se dedica inteiramente; o característico é justamente que ele com exclusividade tem a característica de se entregar (Kierkegaard, 2005, p. 244).

Eis porque a categoria do edificante constitui-se no eixo central da ética-segunda, porque ao cultivar-se si mesmo, ao optar pela autenticidade da existência, o indivíduo singular opta pelo projeto de realizar-se com o próximo, a realização de si mesmo e a realização do próximo são inseparáveis, como são o edificante e o amor: “onde quer que esteja o edificante está o amor; e onde quer que esteja o amor, está o edificante” (Kierkegaard, 2005, p. 246). O edificante equivale ao extraordinário. Ninguém nasce extraordinário, mas se torna quando ousa corajosamente ser um si-mesmo na seriedade e na responsabilidade. “Cada homem, em sua vida, ação e conduta cotidiana, no seu comportamento para com seus semelhantes, com suas palavras e expressões, deveria e poderia edificar, se com ele estivesse presente realmente o amor” (Kierkegaard, 1983, p. 391). O amor é a origem de tudo, é a fonte, afirma Kierkegaard, “de todas as coisas” (Kierkegaard, 1983, p. 393). Essa discussão é desenvolvida no primeiro capítulo da segunda parte das *Obras do Amor*. E a relação central sobre amor e edificação encontra-se nesta passagem:

quando então falamos da obra de amor que consiste em edificar, isso deve significar uma de duas coisas: que o que ama implanta no coração de uma outra pessoa, ou então deve significar que o que ama pressupõe que o amor esteja no coração da outra pessoa, e justamente por essa pressuposição edifica nela o amor a partir da fundação, na medida em que, é claro, a pressupõe amorosamente, no fundamento (Kierkegaard, 1983, p. 394; 2005, p. 248).

Mas é possível um ser humano colocar o amor no coração de um outro homem? Segundo Kierkegaard, a resposta é negativa, porque colocar é violentar; ele pode pressupor, isto é, estar aberto, acreditar que seja outro seja dotado de amor e que este amor se transforme em ações amorosas, verdadeiras e justas. Mas também o amor edifica principalmente pelo testemunho, pela coerência, pelo autodomínio diante das situações concretas que o singular enfrenta. No ato de viver o amor se constata “o quanto é difícil a arquitetura que exercita o amor” (Kierkegaard, 1983, p. 398). O amor que edifica é um amor que age até as últimas conseqüências e, por isto, é um amor que, em seu bojo, suscita e ao mesmo tempo encaminha para o *télos* último, porque não se esgota em si mesmo.

A ética segunda não nega a transcendência, porque evoca uma finalidade que, embora não se consumando no aqui e agora, só pode ser eficaz na contemporaneidade ao introduzir no aqui e agora a presença da eternidade. O amor edificante tem esta tarefa: ser o testemunho da Nascente do amor, que, por ser verdadeiro amor, “se sacrifica, um amor que se sacrifica em sentido divino, que sacrifica tudo para fazer morada a Deus” (Kierkegaard, 2005, p. 282). É na dinâmica amor-encarnação-serviço a possibilidade da ética-segunda, pois se “o amor está tão profundamente enraizado na natureza do homem, e pertence tão essencialmente ao homem” (Kierkegaard, 1983, p. 325; 2005, p. 185), somente na concretização do amor é que o indivíduo singular poderá concretizar-se a si mesmo, realizar-se enquanto liberdade derivada na opção pela fonte da qual emana e testemunhá-la nos atos, na doação de si mesmo e na promoção do órfão, da viúva e do estrangeiro.

Na obra *As obras do amor*, Kierkegaard afirma que Deus é a categoria intermediária-*Gud som Mellembestemmelse* entre o homem e o próximo, porém, no *Diário* transfere essa categoria para o indivíduo singular, o que significa que a filiação-*Optagelse* e a descendência-*Nedstamning* para com Deus ocorrem a partir do assumir a tarefa de ser verdadeiramente um colaborador-*Medarbejder* na concretização do projeto de Deus. O argumento procede da seguinte forma: Kierkegaard afirma que “edificar é uma qualidade própria do amor. O amor é o fundamento. O amor é o edifício, o amor edifica. Edificar é construir o amor” (Kierkegaard, 1983, p. 394). Portanto, a primeira parte da edificação cabe a Deus. Ele é o edificante, é o mestre. A segunda parte da dialética da edificação consiste em que o indivíduo singular assuma em primeira pessoa a tarefa de tornar-se o extraordinário, o testemunho, em seguimento-*Eferterfølgelse* de Cristo. O único deve ser capaz de como o Mestre de morrer pela verdade e pelo amor para com aquilo que acredita. Kierkegaard insiste que o indivíduo singular deve encontrar uma verdade pela qual queira viver e morrer. “Se trata de encontrar uma verdade que seja uma verdade ‘para mim’, de encontrar ‘uma idéia pela qual eu queira viver e morrer’, porque é necessário que eu a absorva vitalmente, e isto deve ser o essencial” (Kierkegaard, 1980, I A, p. 75).

No interior da dialética do dom e da tarefa, da vida que é doada e da existência que é uma tarefa, encontra-se uma primeira definição do edificante: ser um instrumento para que a existência do outro possa também ser portadora de um sentido. Este instrumento é a reduplicação da verdade, pois só existe verdade enquanto liberdade, ou, como afirmou Heidegger (1977, p. 19): “A essência da verdade é a liberdade”, porque a verdade deve ser praticada, e para que isto ocorra é necessário um ato de liberdade. Kierkegaard está convicto de que somente a dialética do amor como expressão da edificação ética é capaz de produzir “a verdadeira igualdade entre os homens” (Kierkegaard, 1983, p. 62; 1977, p. 94). A educação edificante, “apesar do seu caráter ‘não prático’, não deixa de ser a tradução transfigurada que a eternidade dá do mais belo sonho da política. Nenhum político, nenhum espírito do mundo conseguiu ou pode levar até a última conseqüência ou realizar a idéia da igualdade humana” (Kierkegaard, 1979, p. 94).

Devemos compreender melhor este intrincado nexos entre amor e edificante, edificação e ética: a sabedoria, por exemplo, o poder, a habilidade, os dotes, são qualidades que o homem usa para si mesmo. Ser sábio não significa que o outro seja sábio, não é necessário pressupor que todos os homens sejam sábios, porém, no que diz respeito ao amor, necessariamente devemos admitir que todos os homens sejam propensos e estejam dispostos a amar, porque o amor não é uma qualidade que existe por si mesma, “mas uma qualidade com a qual e na qual tu és para os outros” (Kierkegaard, 1983, p. 403). Ser para os outros, na atual civilização da descartabilidade e das relações superficiais, representa a cura da verdadeira doença mortal. A ausência de afinidades profundas e verdadeiras entre os homens nos reduziu a multidões de homens sós: sós na fragilidade, sós na busca, sós no sofrimento, sós na solidão, inteiramente sós em uma vida pobre e vegetativa, e que é em essência a negação da existência e do projeto que foram confiados ao homem.

Ser-para-os-outros parece algo repleto de um idealismo ingênuo, mas, no fundo, é a única alternativa para nos recuperarmos a nós mesmos. Ou superamos a crise de ausência de relação, ou continuaremos sem um sentido pelo qual valha a pena viver e morrer. Não existe meio termo. Ou recuperamos a dignidade perdida de ser homem, ou continuaremos a fingir que somos humanos transvestidos em zumbis ambulantes, em cadáveres falantes, porque privados de um verdadeiro eu.

Edificar é a condição da alteridade. Esta é a chave da questão e que soluciona o enigma do que significa existir: ser-para-os-outros, ser-com-os-outros, ser um si-mesmo *em* e *na* relação. É perfeita a definição da *Doença mortal* do homem

como relação, mas não uma relação em si mesma, e sim uma relação que se reduplica, uma relação aberta que inclui em mantendo a separação. Não se trata de uma subjetividade desencarnada e egoísta, mas de receptividade no inalienável respeito à diferença e à constituição do outro, em sua alteridade. É este o sentido da subjetividade como responsabilidade, que Kierkegaard e mais tarde Lévinas entendem: “responsabilidade na qual tudo em mim é dívida e doação, na qual o meu ser-aí é o último ser-aí em que os credores alcançam o devedor. Nesta responsabilidade, minha posição de sujeito no seu que lhe é próprio é já minha substituição aos outros ou expiação pelos outros” (Lévinas, 2002, p. 108).

Edificar é o projeto ético e pedagógico em Kierkegaard. Educar para a ética equivale a educar para a prática da justiça e da paz, o que ocorre a partir de um eu que reduplica a si mesmo no ato de comunicar-se. A comunicação não se realiza mediante palavras e sermões, mas principalmente, através de atos e de testemunhos éticos. Comunicar é então, fazer o outro existir, mas este ato pressupõe fazer-se a si mesmo existir, este é o método da maiêutica socrática e retomada por Kierkegaard, é por isso, que a comunicação de existência requer um EU que se dirige a um TU; uma comunicação existencial é uma comunicação entre alteridades, por isso Kierkegaard dedica seus escritos ao “meu ouvinte-*Min Tilhoerer*”; “meu próximo-*Min Naesten*”; “aquele singular-*hiin Enkelte* .

O recurso pedagógico é importante na educação edificante porque implica uma luta constante do indivíduo singular na construção de si mesmo. Esta luta requer, por parte do edificante, uma vida de sobriedade e autodomínio. Ele deve ser educado na escola da adversidade, que é o mundo da malícia, do litígio, da discórdia, do partidarismo, das seitas, das ideologias fechadas. E para combater bem a batalha, ele precisa edificar o seu homem interior: seriedade, esforço, coragem, prudência, determinação e amor são as vestimentas da armadura<sup>10</sup> utilizadas pelo edificante diante da tarefa mais difícil que lhe é oferecida: existir no *temor e no tremor*, no estético, no ético e no ético-existencial. Kierkegaard denomina de uma colisão extrema a diferença “entre ser um homem novo e ser puramente um homem-animal, há toda uma diferença de qualidade” (Kierkegaard, 1980, XI<sup>1</sup> A, p. 225). A colisão consiste na educação que é sinônimo de edificação do homem novo. Ele precisa desenvolvê-la intensamente, porque é necessário um esforço extraordinário para superar o nível da “refinada bestialidade” (Kierkegaard, 1980, XI<sup>1</sup> A, p. 225), “da prostituição da humanidade, em que houve a queda ao nível mais baixo do ser homem, em que foi degradado a pura animalidade” (Kierkegaard, 1980, XI<sup>1</sup> A, p. 236).

No interior deste contexto, Kierkegaard apresenta a alternativa, *enten-eller*: ou, através da edificação, o indivíduo se constrói na autenticidade, na individualidade, a partir da educação existencial que é sinônimo de transparência ou ele continua optando pelo *curral, chiqueiro*, porque, como bem ilustra uma parábola do Evangelho, os porcos não sabem dar o merecido valor às pérolas. O *enten-eller* absoluto é: ou Deus ou o mundo, mas não um Deus que exige sair do mundo, pelo contrário, assumir a construção da relação com Deus é assumir o que existe de mais concreto na condição humana, que é assumir-se como sendo constituído no âmago do amor. Kierkegaard afirma que o *enten-eller* absoluto é:

Ou Deus é amor, e agora a situação se torna absoluta, ou seja, a situação de arriscar tudo por esta única causa, e a felicidade consiste somente em ter Deus como a única coisa necessária; ou Deus não é amor, e agora? Agora... estou perdido infinitamente, pois tudo o que eu posso perder é infinitamente indiferente (Kierkegaard, 1980, IX A, p. 486).

<sup>10</sup> Alusão ao cavaleiro da fé e da resignação desenvolvidos em *Temor e Tremor*.

Na segunda parte da obra maior *Post-scriptum conclusivo não científico às Migalhas filosóficas*, Kierkegaard retoma a polêmica contra a objetividade filosófica, especialmente sua polêmica com Hegel, ao afirmar a importância da interioridade/subjetividade em relação à objetividade. No terceiro capítulo denominado *a subjetividade real: aquela ética; o pensador subjetivo*, da segunda parte da referida obra, é desenvolvida a tese central kierkegaardiana da identificação da verdade com a subjetividade, como ele mesmo afirma: “a minha tese era que a subjetividade, a interioridade é a verdade” (Kierkegaard, 1993, p. 423). A objetividade pretende reduzir a realidade a enunciados lógicos, mas a existência rompe com a lógica porque ela é essencialmente contraditória, enquanto a lógica é neutra e indiferente reduzindo os dramas da existência “a uma natureza fantástica e ao ser puro da abstração” (Kierkegaard, 1993, p. 424), o existente é profundamente interessado no ato de existir e para existir “em sentido profundo é necessário conduzir uma existência verdadeiramente humana. É agir com extremo esforço no interior da paixão subjetiva, com plena consciência da própria responsabilidade, com o objetivo de escolher a coisa decisiva” (Kierkegaard, 1993, p. 425).

É mediante a subjetividade que as decisões são tomadas. Por isso a esfera da ética-primeira não é suficiente porque anula a individualidade em função da objetividade do estado, do dogma e da lei. Esta é a questão crucial da filosofia contemporânea, ou a objetividade do sistema, ou a universalidade do conceito desencarnado, ou a subjetividade, a liberdade do existente em optar pelo que é decisivo, por isso Kierkegaard afirma:

é sobre o ponto do existir e da exigência ética nos confrontos diante da existência que é necessário insistir, quando uma filosofia abstrata e um pensamento puro querem explicar tudo, evitando, de explicar o ponto essencial, pois seria, um outro assunto, que o pensamento puro se propusesse a esclarecer a relação ética a uma individualidade ética existente (Kierkegaard, 1993, p. 428).

A tarefa consiste precisamente em optar, em decidir por aquilo que é eterno ou o que é transitório, por isso, a questão da edificação é fundamental, pois sem interioridade não é possível fazer nenhuma referência verdadeira liberdade, mas tão somente a liberdade de conceito. No fundo da questão, o que está em jogo é se a ação ética em última instância reside no mandamento de obedecer ao Estado, como postula Hegel, ou se a ação ética é uma tarefa que compete exclusivamente ao indivíduo singular. Para Kierkegaard, não há dúvida de que o momento ético é o que qualifica a pessoa humana a existir em primeira pessoa diante de si mesma e diante de Deus, o que mais tarde levará Lévinas a afirmar que é mediante a ética que Deus se deixa revelar, seguindo a tese de Kierkegaard de que “entre Deus e o homem não existe nada que não seja a ética” (Kierkegaard, 1993, p. 331), “porque a ética é a tarefa maior que é colocada para cada individualidade” (Kierkegaard, 1993, p. 338).

Kierkegaard não escreveu um livro específico sobre a ética. Mas afirmamos que toa a sua produção tem como fio condutor a dimensão da ética segunda, e é no interior da categoria do edificante<sup>11</sup> que as outras categorias existenciais como a seriedade, a angústia, a paixão, a verdade, a reduplicação, contribuem para a construção do homem extraordinário-*Overordentlige*, porque é verdade “que nin-

<sup>11</sup> Esta é a posição de Giuseppe Mario Pizzuti (1985) em seu artigo *Inattualità di Kierkegaard*, ao afirmar que: “em última análise, somente a categoria do edificante consentiria em apreender de forma orgânica a inteira obra kierkegaardiana, começando propriamente do estádio estético [...] o que exprime fino e fondo a inatualidade de Kierkegaard é precisamente a centralidade em sua obra da categoria do edificante [...]”.

guém nasce realmente extraordinário (Kierkegaard, 1980, XI<sup>1</sup>, p. 409). Mas tornar-se extraordinário exige a edificação de si mesmo, ou seja, o indivíduo singular pratique cotidianamente “na câmara de exercício e de educação da existência, onde somente será possível se tornar homem, mediante a interioridade do existir” (Kierkegaard, 1993, p. 374).

Todos os filósofos e teólogos que passaram demoradamente pelos bosques kierkegaardianos<sup>12</sup> dialogam com Kierkegaard, sem inferir adequadamente a importância da concepção da ética segunda em sua obra. Geralmente a ética permanece apenas como um estádio entre o estético e o religioso. Edificar é educar o indivíduo para que ele possa construir a sua existência em bases sólidas e não permanecer no anonimato ou na sensibilidade do prazer imediato e inconsistente. Nesse sentido, a educação edificante é um método para conscientizar os indivíduos singulares da real importância do existir em primeira pessoa e assumir a responsabilidade pela edificação e salvação do próximo<sup>13</sup>. Os estádios da existência são elaborados como uma tática (Kierkegaard, 1979, p. 112) a partir da comunicação indireta, da reduplicação dialética (Kierkegaard, 1986, p. 32), da dialética indireta (Kierkegaard, 1986, p. 39) e da utilização da pseudonímia, com objetivo fazer emergir o problema que todos fingiam não ter, ou seja, demonstrar as várias formas de existência e como a maioria das pessoas estavam vivendo de forma inautêntica, decadente e alienante<sup>14</sup>. A estratégia utilizada é começar “por uma produção estética” (Kierkegaard, 1986, p. 40) que, no fundo, é “um meio de comunicação” (Kierkegaard, 1986, p. 44) visando conscientizar e “tornar os homens atentos” (Kierkegaard, 1986, p. 47). O objetivo é “provar a mediocridade de suas vidas” (Kierkegaard, 1980, VII 1 A, p. 106). Os pseudônimos são utilizados como espelhos<sup>15</sup> onde os indivíduos se vêem refletidos como morto-vivos, que mais se parecem como “sombras dos infernos” (Kierkegaard, 2001, Vol. II p. 101), e, para não se conscientizarem do engodo-*lokkemad* e do desespero-*Fortvivlelse*, se escamoteiam em prazeres imediatos obtidos nos narcóticos e no uso da sexualidade como

<sup>12</sup> A herança explícita ou implícita de Kierkegaard na filosofia, teologia, psicologia, literatura, cinema, etc., é sem dúvida gigantesca, como afirmam entre outros, Emmanuel Lévinas e Karl Jaspers. Lévinas é categórico quanto a decisiva importância do pensamento de Kierkegaard para com a filosofia contemporânea: “A filosofia de Kierkegaard tem incidido tão profundamente sobre a filosofia contemporânea, que as reservas e até a refutação que ela pode suscitar constituem para sempre o testemunho de uma modalidade deste influxo.” Karl Jaspers reconhece que “nem a filosofia da existência, nem a teologia dialética teriam sido possíveis sem a contribuição decisiva de Kierkegaard”. Roger Poole em seu artigo *The unknown Kierkegaard: Twentieth-century receptions*, afirma que “recentemente Kierkegaard tem emergido como a maior figura na filosofia contemporânea americana” e que os mais fecundos diálogos com Hegel, Heidegger, Merleau-Ponty, Lacan, Bataille, Kristeva, Lévinas, Balnchot, Derrida envolvem diretamente um debate com Kierkegaard. Martin J. Matustík reconhece que “a dialogue with Kierkegaard, he concludes, would involve presenting ‘multiculturally’ positioned individuals with questions on how to become more responsible for a more just world”.

<sup>13</sup> O tema do sacrifício radical em Lévinas já está presente nas *Obras do Amor*: “mas o verdadeiro amor, o amor que se sacrifica, que ama cada homem segundo a sua propriedade, está disposto a afrontar qualquer sacrifício” (Kierkegaard, 1983, p. 461). O sacrifício é uma doação incondicional ao Tu e consiste enquanto indivíduo singular: o extraordinário é o testemunho que consiste no assumir a tarefa de trabalhar como indivíduo singular de ser sacrificado como indivíduo singular, porque o Absoluto não pode ser expresso absolutamente a não ser através do ser sacrificado”. O sacrifício é, para Kierkegaard e Lévinas, o compromisso inalienável com o Outro, sem mediação ou intermediários, é sinônimo da “responsabilidade que é a resposta ao imperativo do amor gratuito que vem do Rosto de outrem no qual significam, ao mesmo tempo, o abandono e a eleição de sua unicidade; ordem do ser-para-o-outro ou de sua santidade como fonte de todo valor”.

<sup>14</sup> Heidegger desenvolve amplamente a condição do ser-no-mundo como inautenticidade, fuga, falatório, queda, etc. (Cf. 1988, # 38 e #68,c).

<sup>15</sup> É muito importante a metáfora do espelho na compreensão dos estádios da existência em Kierkegaard, porque os espelhos funcionam como “o rosto da alma” (Kierkegaard, 2001, vol. I, p. 62); como ele exemplarmente afirma em Para exame de si mesmo: “se requer antes de tudo que tu não te olhe no espelho, não esteja a se mirar no espelho, mas veja a si mesmo no espelho” (Opere, p. 909). Para uma leitura atenta e atual do jogo entre máscaras e espelho na obra pseudônima de Kierkegaard sugerimos o livro de Leonardo Amoroso (1990) intitulado *Maschere kierkegaardiane*.

genitalidade (o estético imediato) ou em filosofias puras (o estético reflexivo), em teologias-metafísicas (ética-absolutista e imanente).

A primazia da dimensão da ética segunda como eixo nodal da obra kierkegaardiana pode ser constatada no Diário, no Post-scriptum conclusivo não científico às Migalhas filosóficas e nas Obras do Amor. Segundo Kierkegaard, “a reflexão ética é o ponto decisivo na existência. Ela fornece a autorização e a medida da existência humana” (Kierkegaard, 1980, VI A, p. 113); “a ética é, portanto, sinônimo de autenticidade da existência e a chave de volta por onde deve passar a dogmática” (Kierkegaard, 1980, XI A, p. 360); e, para a fundamentação da tese em questão, ele afirma: “a ética é interioridade” (Kierkegaard, 1993, p. 334); “a ética é e será sempre a tarefa suprema que é colocada para cada homem... ela é o respiro da eternidade e em meio à solidão é a afinidade que reconcilia os homens entre si” (Kierkegaard, 1993, p. 339). Essa tese é retomada nas As Obras do Amor: “quando, pelo contrário, se deve amar o próximo, a tarefa existe (a tarefa ética), a qual, por sua vez, é a fonte original de todas as tarefas. Justamente porque o crístico é o verdadeiro ético” (Kierkegaard, 1983, p. 203; 2005, p. 70). O fundamento do edificante reside no amor e na gratuidade do servir (Kierkegaard, 1983, II série, I – O amor edifica, p. 395); porque o amor edifica, “só o amor tem vontade de edificar, porque ele está disposto a servir” (Kierkegaard, 1983, p. 395; 2005, p. 249). É no interior desse contexto que deve ser compreendida a afirmação de Kierkegaard: “somente no interior da ética existem imortalidade e vida eterna [...] porque a vida eterna é calculada segundo o grau em que o indivíduo pode própria e essencialmente conceber a ética em si mesmo, porque ela consiste na consciência que ele tem de Deus” (Kierkegaard, 1993, p. 340-341).

Interioridade é, então, sinônimo de edificação, de tornar-se edificante, de construir-se a si mesmo em bases sólidas, e para que isto aconteça é fundamental a atitude de recolhimento, de reflexão profunda, de comunhão entre o *eu* e o *mim mesmo*, de discernimento e de seriedade que se traduz na coerência da reduplicação existencial. É correta a afirmação de André Clair (1989) em *Éthique et Humanisme*: “A fonte da via ética está na escolha primitiva de si mesmo. É no interior de si mesmo que o indivíduo encontra a capacidade de aceder à eticidade por um ato criador de si” (Clair, 1989, p. 180). O que estamos afirmando é que tornar-se edificante é sinônimo da educação existencial de si mesmo, que é construída “na intimidade e na vida secreta do amor, insondável, e, por sua vez, em uma conexão insondável com a existência” (Kierkegaard, 1983, p. 153). É no interior da categoria do edificante que o questionamento – ético e filosófico – norteador do presente artigo se fará presente: qual é exatamente a contribuição que a categoria do edificante poderá dar para um discurso ético a partir da obra de Kierkegaard? A partir do momento em que o referencial ético se encontra na vontade, consciência, liberdade e na responsabilidade de cada indivíduo, qualquer manipulação ou imposição externa retiraria o crédito, a legitimação da ação do sujeito em primeira pessoa; por isto, Kierkegaard questiona se seria possível uma ética de cunho imperativo que ordenasse e impusesse do exterior o valor da ação ética. Ele mesmo afirma: “Que juízo faria a ética, se o tornar-se subjetivo não fosse a tarefa suprema que fora estabelecida para cada homem?” (Kierkegaard, 1993, p. 328).

No interior da categoria da edificação, o indivíduo singular assume a responsabilidade em primeira pessoa. Kierkegaard reivindica, com orgulho, a diferença do indivíduo singular em sua radical e irredutível individualidade e alteridade, como é possível confirmar no *Diário* e no *Ponto de vista de minha atividade de escritor*.

O Indivíduo: eis a categoria pela qual devem passar, sob o ponto de vista religioso, a época, a história e a humanidade. Foi com a categoria de “o indivíduo” que os pseudônimos visaram no seu tempo o Sistema, quando tudo na Dinamarca era invariavelmente

o Sistema (\*); daqui em diante, não se voltará a falar dele (\*\*) pelo menos como palavra da moda e como exigência do tempo... O meu possível papel em ética relaciona-se incondicionalmente com a categoria de "o indivíduo" [...] É preciso compreender que a existência no plano ético é conforme ao que se diz e se exprime, e este é um aspecto que justamente o Sistema, o ensino *ex cathedra* e a nossa época sem caráter suprimiram com extrema injustiça (Kierkegaard, 1986, p. 109-110; 1974, VIII<sup>o</sup> A, p. 480).

A importância da categoria do edificante reside na individualidade, unicidade e singularidade que a pessoa humana deve tornar-se a partir da dialética do dom e da tarefa. Em última instância, é em cada singularidade que reside a originalidade da experiência ética, porque só ela é capaz de educar a singularidade no tremor e temor, educando o indivíduo singular para o que é decisivo na existência. Explicando melhor e utilizando uma citação central de *Enten-eller*, pode-se dizer: mesmo que a exigência ética esteja inserida no interior de um quadro normativo, objetivo e universal, um ato ético só se justifica quando ele é fruto e está no interior da singularidade de uma consciência. É esta a tese que Kierkegaard defende magistralmente. Em *Enten-eller*, ele afirma:

[...] isto demonstra que o indivíduo é ao mesmo tempo o universal e o particular. O dever que se exige de mim é universal, porém, eu não sou o universal, portanto, não posso nem mesmo realizar o dever. De outra parte, o meu dever é particular, qualquer coisa que compete a mim mesmo – na imensidão do esforço e da responsabilidade –, contudo o dever é universal. Neste embate a personalidade se mostra no seu mais alto valor. Ela não é sem lei e nem mesmo dá a si a sua lei, porque a determinação do dever permanece independentemente dela, mas a personalidade se mostra como unidade do universal e do particular (Kierkegaard, 1978, 3, III, p. 244; 2001, V, p. 158).

E ainda:

A tarefa que o indivíduo ético se põe é de transformar a si mesmo em um indivíduo universal. Somente o indivíduo ético exprime seriamente a si mesmo, e tem uma familiaridade (intimidade) que é a sinceridade consigo mesmo [...] Mas transformar o si mesmo no homem universal só é possível se já *κατά δύναμιν*... (em potência) (Kierkegaard, 1978, V, p. 155).

A pedagogia de Kierkegaard é endereçada ao indivíduo singular, ao seu leitor, ao seu ouvinte, que não é necessariamente sempre a sua Regina Olsen, mas o habitante comum de Copenhague, o indivíduo simples, por quem ele nutria um grande afeto e com quem travava colóquios a ponto de ser denominado de o peripatético de Copenhague. A ética segunda ocupa o posto central no pensamento filosófico de Kierkegaard, e desde o início de sua atividade de escritor ele estava consciente do fato que a ética é a chave que liga todos os pontos entre o humano e o divino, o indivíduo e o social, o singular e a comunidade. Como podemos constatar na citação extraída das *Obras do Amor*: "A tarefa ética, é por sua vez, a origem de todas as tarefas" e é, ao mesmo tempo, como escreve ele em *Enten-eller*, a tarefa mais difícil, porque só com extremo esforço, interesse e paixão em existir no interior da existência é possível tornar-se um indivíduo singular e não "um exemplar defeituoso de homem" (Kierkegaard, 1978, V, p. 242).

O projeto ético em Kierkegaard está presente desde o início de sua atividade de escritor e não é uma preocupação tardia do seu pensamento. Ele mesmo confirma: "transformar a direção da abstração inumana para poder atingir a personalidade concreta: eis a minha tarefa" (Kierkegaard, 1974, X 1 A, p. 531); e: "O verdadeiro esforço consiste na transformação da existência" (Kierkegaard, 1974, X 4 A, p. 289).

Por isso o esforço tenaz em desenvolver a categoria do indivíduo singular-*den Enkelte* com o objetivo de servir como espelho para que o leitor, ouvinte, amigo pudesse confrontar-se consigo mesmo, avaliar e decidir entre seguir uma vida inautêntica ou construir a existência autêntica, com todos os riscos e dificuldades que o existir em primeira pessoa comporta. Em Kierkegaard, o existente deve realizar-se enquanto aceitação do dom e construção da tarefa. Como dom deve encaminhar-se em direção ao outro, um encaminhar-se que se constrói na radical diferença de *si mesmo*. Essa é a alternativa diante do individualismo que caracteriza a civilização ocidental e, conseqüentemente, a negação da existência e da ética.

É fundamental que se compreenda o instituir-se da relação como o ponto chave donde emana toda a força de qualquer categoria da ética segunda. O indivíduo singular não é um dos elementos da síntese, é o estabelecer da relação entre o si mesmo, o tu e a espécie. Não existe um indivíduo singular separado da gênero humano; “qualquer indivíduo é tão essencialmente afetado pela história de todos os outros como pela própria. A perfeição pessoal consiste, portanto, em participar sem reservas na totalidade” (Kierkegaard, s/d, p. 44). A transformação do indivíduo em indivíduo singular-*individ til den Enkelte* só poderá ser escolhida por si-mesmo-*han kan vaelge sig selv* enquanto inserido no mundo e nas contradições do próprio mundo. Todas as qualidades e virtudes têm como principal objetivo a construção de uma verdadeira personalidade, porque, no fundo – e concordando com Kierkegaard –, “só existe uma qualidade: a individualidade-*Enkeltheden*”.

O que diferencia e especifica o conteúdo da ética segunda é que ela não opera “com o conceito de existência como encontramos na doutrina sobre a essência na *Lógica*. Nela o conceito de existência é uma idealidade, e a dificuldade está exatamente em que a existência não se resolve em conceitos” (Kierkegaard, 1980, X<sup>2</sup> A, p. 328)<sup>16</sup>. As categorias existenciais da ética segunda estão de tal forma interligadas e são tão interdependentes que uma só se desenvolve *em* e *com* relação à outra. É no interior deste movimento que se constroem a personalidade e o caráter. Por isso são tão importantes a seriedade e o rigor, não como hermetismo e rancor, mas como interioridade, ou seja, estar constantemente consciente e lúcido para não se deixar levar pelos caminhos da inautenticidade, da fuga, do tédio e da banalização dos costumes, dos valores e da dominação imposta pela classe dominante, ou, sendo fiel a Kierkegaard, pela ordem estabelecida-*Det Bestaaende*, que representa o “triunfo completo da mentira e a queda mais profunda da humanidade” (Kierkegaard, 1980, X<sup>2</sup> A, p. 314).

Viver no acidental e na inautenticidade é negar a existência do outro e, por extensão, negar a ética, porque somente enquanto se vive *em amor* e *no amor* se vive a “verdadeira ética” (Kierkegaard, 1978, IV, p. 40) e se superam os vícios, a amoralidade e o sensual que fazem com que os homens vivam na insensatez do imediato e de uma aparente felicidade, em que a “eternidade do amor” (Kierkegaard, 1978, IV, p. 40) é transformada em sensualidade e a vida em animalidade e bufonaria. Daí a necessidade da educação ética como alternativa para a “época de desagregação” (Kierkegaard, 1986, p. 110). A educação existencial tem o conteúdo do tornar-se edificante, porque o ápice da educação ética é a abnegação-*Selvfornaegtelse* de si em função de um projeto maior, o projeto que contraditoriamente só se realiza com a abnegação si mesmo, mas que através reduplicação-*Fordoblelse*, a abnegação transforma-se em realização e plenitude

O estar fora de si mesmo e no meio da multidão, decididamente impede a realização “da tarefa ética” (Kierkegaard, 1986, p. 113), porque a “ética é e continu-

<sup>16</sup> A propósito da citação de Hegel, conferir *Wissenschaft der Logik*, Br. II, Abt. II, 1, nota de C. Fabro, tradutor do *Diário* para a língua italiana.

ará sendo a tarefa suprema que se coloca para cada indivíduo” (Kierkegaard, 1993, p. 339). A ética deve ser estudada em si mesmo; por isto é preciso desenvolver as categorias existenciais para que o indivíduo tenha um *centro*, porque somente no interior de si mesmo “ele pode estudá-la com segurança; a ética é interioridade” (Kierkegaard, 1993, p. 334). Só quando o indivíduo estiver ciente de si mesmo e de sua responsabilidade como o eleito que escolhe ser o eleito, poderá assumir a ética, como expressa Lévinas em *Entre nós*: “Só eu é que posso, sem crueldade, ser designado como vítima. O eu é aquele que, antes de toda decisão, é eleito para carregar a responsabilidade do mundo” (Lévinas, *Entre Nós*, p. 93).

A realização de si mesmo mais uma vez só acontece no assumir infinitamente a responsabilidade, o que é sinônimo de seriedade e, ao mesmo tempo, sinônimo de originalidade. Segundo André Clair:

A tese de Kierkegaard é a de sustentar que a tarefa de um indivíduo consiste em abandonar sua particularidade e se abrir à espécie; a tarefa é assim, uma saída de si e uma abertura ao universal humano; mas igualmente, esta abertura à espécie é uma abertura a si mesmo, no sentido de uma recuperação ou de uma realização de si mesmo (Clair, 1989, p. 163).

## Algumas considerações sobre as categorias existenciais da ética segunda

### A seriedade-*det Alvor* como interioridade-*Inderlighed* e o tornar-se edificante

A seriedade equivale a tornar-se edificante, pois só são edificantes as pessoas sérias. Por isso, ela constitui a categoria existencial por excelência e serve de base a todas as outras categorias, especialmente para determinar a natureza interior do homem, como vontade ética. A questão que merece ser analisada é se a categoria da seriedade é capaz de sustentar o edifício da ética segunda, isto é: ela será capaz de edificar fins nobres que garantam a realização existencial da dignidade do si-mesmo? A seriedade está diretamente relacionada com a subjetividade, a reduplicação, a edificação e com a interioridade enquanto liberdade porque, se a existência, por uma parte, é doada como presente ao ser humano, de outra, ela deve ser construída por ele mesmo. É uma ambigüidade entre dom e construção, entre necessidade e liberdade que faz parte da mesma realidade, e, por isto, a liberdade se constitui no exercitar e lutar para ganhar a si mesmo. “A interioridade, eis em que consiste a seriedade” (Kierkegaard, s.d., p. 225); por isto ela é “a eternidade ou a determinação do eterno no homem” (Kierkegaard, s.d., p. 225).

A seriedade é a condição para que o indivíduo singular possa escolher a coisa decisiva (Kierkegaard, 1980, X<sup>2</sup> A, p. 428) e possa edificar-se enquanto eterno no temporal, concretizando em seu agora a contemporaneidade que é a síntese entre o eterno e o temporal, o finito e o infinito, o absolutamente livre e o necessário. Segundo Kierkegaard, a escolha decisiva é Deus, porque Ele é o eterno, e o indivíduo só se torna eterno no tempo (mediante a contemporaneidade do eterno no tempo). É a reflexão da interioridade que torna o homem realmente livre, porque a liberdade não é uma determinação formal, mas um agir que implica toda a existência do indivíduo. Dessa forma, a edificação ou o tornar-se edificante equivale à seriedade como interioridade; isto é o mesmo que afirmar que essa tríade equivale ao fundamento da ética-segunda.

Kierkegaard está ciente de que “a coisa enorme concedida ao homem é a liberdade” (Kierkegaard, 1980, X<sup>2</sup> A, p. 428), e, por isso, a liberdade é sempre uma liberdade derivada, mas se torna liberdade real quando o indivíduo se realiza como síntese, porque a tensão entre a liberdade e a necessidade é própria de sua constituição. O indivíduo singular é parte de necessidade<sup>17</sup>, porque não é *causa sui*, mas é livre, porque deve *tornar-se*. Essa definição serve também para esclarecer o jogo entre liberdade e escolha. Por isso é fundamental que o indivíduo singular desenvolva a seriedade como interioridade. Quando ele edifica o seu si-mesmo em um fundamento ético, não escolhe o acidental, porque quando se vive na dimensão estética, o acidental é só o momento e é passageiro; mas, quando ele escolhe o essencial, escolhe o eterno que contém o imediato em seu justo valor, isto é, é apenas um momento. É na perspectiva da edificação e do tornar-se edificante que o indivíduo singular concretiza a síntese entre a estética e a ética na ética segunda, isto é, a harmonia, a ordem, o equilíbrio do estético e o rigor, a doação, a responsabilidade e a maturidade da ética.

Edificar-se é assumir a si mesmo como tarefa única e exclusiva, tarefa que deve ser compreendida dialeticamente, porque consiste precisamente em “expressar com a existência que o indivíduo singular tem uma orientação para o *τέλος* absoluto e deve exprimi-la existindo” (Kierkegaard, 1993, p. 483). Ser sério é, então, usar a vontade para dominar a si mesmo, tornando-se o que se estava destinado a ser desde a eternidade, e exprimir a eterna beatitude em cada ação, de forma que “o existente, existindo, transforme tudo na sua existência como prova de respeito ao Bem supremo” (Kierkegaard, 1993, p. 473). A seriedade equivale “eticamente à maturidade, que consiste no considerar a própria realidade ética como infinitamente mais importante do que a história universal” (Kierkegaard, 1993, p. 473), isto é, não existe desculpa ou argumento que justifique eticamente a passividade, a resignação negativa que Nietzsche definia como a moral dos escravos. A tarefa existencial é admitir que cada ser humano, independentemente das condições acidentais, “está em condições de desenvolver o que pertence por essência à condição humana. A tarefa é de transformar a si mesmo em um instrumento que exprima claramente o humano na existência” (Kierkegaard, 1993, p. 455).

A seriedade, enquanto tornar-se edificante, absorve a reflexão no drama existencial de construir-se como uma relação derivada, porque tem que construir-se a si mesmo, mas a partir de um outro. O si-mesmo não é fruto de um pensamento puro, mas de uma vontade patética que se traduz em ação de querer ser; é este o significado do *enten-eller*. A seriedade existencial elimina o eu puro da autoconsciência, o eu abstrato, e o concretiza ética e existencialmente na orientação do querer ser a si mesmo “através da própria transparência, até o poder que o pôs” (Kierkegaard, 1974, p. 338).

O processo é óbvio: a existência é a condição da realização da tarefa existencial. O si-mesmo começa a existir a partir da escolha de querer ser um si-mesmo, isto é, o si-mesmo é “o voltar-se da relação sobre si mesma” (Kierkegaard, 1974, p. 337), de forma que, concebido como síntese, “o eu não existe ainda, em função da incapacidade de, pelas suas próprias forças, o eu conseguir o equilíbrio e o repouso; isto não lhe é possível, na sua relação consigo próprio, senão relacionando-se com o que pôs o conjunto da relação” (Kierkegaard, 1974, p. 338). Contudo, escolher ser um si-mesmo é responsabilidade exclusiva do indivíduo, do contrário não haveria escolha e liberdade. Kierkegaard demarca muito bem o limite ontológico e ético e a relação entre ambos: “Eu não crio a mim mesmo, quando escolho a mim

<sup>17</sup> É mister ter presente a definição do ser humano como síntese de liberdade e necessidade, temporalidade e eternidade, finito e infinito.

mesmo. Enquanto a natureza é criada do nada, enquanto eu mesmo como personalidade imediata sou criado do nada, como espírito livre eu sou gerado no princípio de contradição, ou seja, gerado, graças ao fato que escolhi ser eu mesmo" (Kierkegaard, 2001, V, p. 95).

É nesse sentido que deve ser entendido o existente no interior da existência, como um singular que constrói com seriedade a própria personalidade, pois "a seriedade significa a própria personalidade, e só são reais as personalidades sérias; só essas podem fazer seja o que for com seriedade, e isto exige, antes de mais e principalmente, que se conheça o objeto da seriedade" (Kierkegaard, s.d., p. 223). A primeira e mais importante realidade para o indivíduo sério não é a realidade de Deus. Ele está muito bem; o mais importante e a única realidade para o existente é a sua própria realidade ética (Kierkegaard, 1993, p. 432), porque é a realidade ética, concretizada na seriedade da existência, que faz com que o indivíduo singular possa "conhecer Deus na existência, isto é, como Deus que existe como um indivíduo singular" (Kierkegaard, 1993, p. 432).

A seriedade é o ponto decisivo na existência humana:

No instante da escolha, o indivíduo singular alcançou ao mesmo tempo o fim, porque a personalidade dele se associa estreitamente, como definida, e, no mesmo instante, ele está precisamente no início, porque escolhe a si mesmo em direção à sua liberdade. Como produto ele é compreendido nas formas da realidade; na escolha torna si mesmo elástico, transforma a exterioridade inteira em interioridade. Ele tem o seu lugar no mundo; na liberdade ele mesmo escolhe o seu lugar, isto é, escolhe qual lugar. Ele é um determinado indivíduo, na escolha ele faz de si mesmo um determinado indivíduo, sim, aquele mesmíssimo, porque escolheu si mesmo (Kierkegaard, 2001, V, p. 142).

A seriedade edifica e torna o indivíduo singular efetivamente existente, e por isto é justamente "o verdadeiro comportamento diante da vida" (Kierkegaard, 1974, p. 331); "é sério aquilo que edifica" (Kierkegaard, 1974, p. 331); é uma "resistência corajosa" (Kierkegaard, s.d., p. 24) diante dos conflitos psicológicos e do pavor "ante o desenho que ele próprio vai traçando" (Kierkegaard, s.d., p. 25) com a própria vida, porque é a seriedade que "instaura a distinção entre mim mesmo e o outro-em-mim" (Kierkegaard, s.d., p. 64). Ela corresponde ao autodomínio. É a condição fundamental para o homem luta consigo mesmo, "porque em verdade aquele que domina a si mesmo é maior do que quem conquista uma cidade"<sup>18</sup>.

O edificante assume em si mesmo a maturidade ética; esta é a "verdade da pedagogia pitagórica de começar com o silêncio. Era a reflexão sobre o concreto" (Kierkegaard, 1980, X<sup>2</sup> A, p. 235). O concreto impede que o homem se esvaeça no abstrato; ao contrário, através da seriedade o homem pensa em si mesmo, assume-se a si mesmo no rigor, no compromisso e na responsabilidade que exige o existir autêntico e comprometido *com* e *na* existência. Kierkegaard afirma, em *Duas épocas*, "que uma reforma deve iniciar sempre com uma reforma interior de cada homem" (Kierkegaard, 1994, p. 37). É através da interioridade que se atinge a verdadeira igualdade entre os homens, e não através de um nivelamento externo, que é muito mais uma massificação e padronização.

Ser ético ou tornar-se ético é um assumir a responsabilidade em primeira pessoa. Não existe alternativa. É esta positivamente a tese de Lévinas: "É necessário compreender que a eticidade não surge, como uma camada secundária, por cima de uma reflexão abstrata sobre a totalidade e seus perigos: a eticidade tem um alcance independente e preliminar. A filosofia primeira é uma ética" (Kierkegaard,

<sup>18</sup> Pr, 16,32

2000, p. 69) É no assumir seriamente a responsabilidade de transformar o externo a partir do interno que Kierkegaard compreende “que a ética é confiada à individualidade, e é ponderada segundo o grau em que cada indivíduo pode própria e essencialmente conceber a ética somente em si mesmo” (Kierkegaard, 1993, p. 341).

Assumir a seriedade de existir no interior da existência é literalmente corroborar a tese de Lévinas e assumir na própria pessoa a responsabilidade ética, porque, em certo sentido, “ela (a responsabilidade ética) é infinitamente abstrata, em outro sentido, ela é infinitamente concreta, pelo contrário, é a coisa absolutamente mais concreta; porque ela se coloca dialeticamente para cada homem, entendido como este homem singular” (Kierkegaard, 1993, p. 341). Um homem singular que não teme o peso da responsabilidade nem se esconde diante da pergunta radical e fundamental para a ética, contida em Gênesis: “Onde está o teu irmão?”<sup>19</sup> A resposta existencialmente digna consiste em “não se poder furtar à responsabilidade, como se todo o edifício da criação repousasse sobre os meus ombros” (Lévinas, 1993, p. 61).

É por isto que a seriedade assume o posto de ser a mãe de todas as categorias existenciais. É o máximo da objetividade gestada na subjetividade. É o reconhecimento de que o indivíduo singular “não tem o dever fora de si, mas em si mesmo” (Kierkegaard, 2001, V, p. 148). Contudo, “eticamente o indivíduo singular só pode escolher-se quando se escolhe em continuidade” (Kierkegaard, 2001, V, p. 150) com o projeto original, tese que só adquire sentido no interior da liberdade absoluta e da liberdade derivada, entre a absoluta individualidade e o compromisso com a coletividade, pois o indivíduo singular é “ao mesmo tempo ele mesmo e todo o gênero humano, de sorte que o gênero participa todo inteiro do indivíduo, assim como o indivíduo participa todo inteiro do gênero” (Kierkegaard, s.d., p. 43).

É o cultivo da interioridade que faz desabrochar o rosto do outro e o amor ao próximo como tarefa e missão. É no transformar do eu em si mesmo que o indivíduo “consegue separar o essencial do acidental” (Kierkegaard, 2001, V, p. 153) e construir a consciência necessária para não escolher superficial ou levemente, porque ele tem consciência de que “qualquer indivíduo é tão essencialmente afetado pela história de todos os outros como pela sua própria” (Kierkegaard, s.d., p. 44). E isto significa que uma escolha egoísta produzirá um povo egoísta, uma escolha individualista legitimará um povo individualista, uma ação violenta terá como consequência um povo violento. O cultivo da seriedade como interioridade é o ponto decisivo da ética segunda. É a seriedade “como caminho interior que deve ser seguido para ser verdadeiramente um eu” (Kierkegaard, 1974, p. 367) que pode assegurar ao indivíduo atingir a finalidade última da existência, pois “só em si mesmo o indivíduo tem a finalidade para a qual deve tender com seu esforço, e, contudo, ele tem esta finalidade de fora de si, mas só em si mesmo poderá encontrar esclarecimento de si mesmo” (Kierkegaard, 2001, V, p. 152). Frequentar a si mesmo é uma atividade eminentemente ética, porque eticidade é caráter, caráter é aquilo que permanece inciso-*χαρακτω*.

O caráter precisa ser construído a partir de uma interioridade, não se pode ser distribuído em massa nas escolas ou nos mercados. É por isto que a interiorização como seriedade é a mola propulsora de todas as relações sociais, ela é o mesmo que “a paixão qualitativamente distinta”, porque distingue o essencial do acidental, e, ao filtrar o joio do trigo, é capaz da doação radical por uma causa nobre.

<sup>19</sup> Gn 4,9

## Referências

- AMOROSO, L. 1990. *Maschere kierkegaardiane*. Torino, Rosenberg & Sellier.
- CLAIR, A. 1989. *Ethique et Humanisme*. Paris, Cerf.
- KIERKEGAARD, S. s.d. *O Conceito de Angústia*. Lisboa, Editorial Presença.
- KIERKEGAARD, S. 1964. *Discorsi Cristiani*. Torino, Borla Editore.
- KIERKEGAARD, S. 1974. *A Doença para a Morte*. São Paulo, Editora Abril S.A.
- KIERKEGAARD, S. 1978. *Samlede Værker*. XX volumes, a cura de Peter P. Rhode, København.
- KIERKEGAARD, S. 1979. *Il Punto di vista della mia attività letteraria*. Roma, Edizioni Logos.
- KIERKEGAARD, S. 1980. *Diario*. 12 vols, Brescia, Morcelliana.
- KIERKEGAARD, S. 1983. *Gli atti dell'amore*. Milano, Rusconi.
- KIERKEGAARD, S. 1986. *Ponto de Vista Explicativo de Minha Atividade de Escritor*. Lisboa, Edições 70.
- KIERKEGAARD, S. 1991. *O conceito de ironia*. Petrópolis, Vozes.
- KIERKEGAARD, S. 1993. *Postilla conclusiva non scientifica alle Briciole di filosofia*. Milano, Sansoni Editori.
- KIERKEGAARD, S. 1994. *Due Epoche*. Roma, Parrini.
- KIERKEGAARD, S. 2001. *Enten-eller*. V vols., Milano, Adelphi Edizioni.
- KIERKEGAARD, S. 2005. *As Obras do Amor*. Petrópolis, Vozes.
- HEIDEGGER, M. 1977. *Sill'essenza della verità*. Brescia, La Scuola.
- HEIDEGGER, M. 1988. *Ser Tempo*. 2 vols., Petrópolis, Vozes.
- LÉVINAS, E. 1972. *Humanisme de l'autre homme*. Paris, Fata Morgana.
- LÉVINAS, E. 1982. *Éthique et Infini, Dialogues avec Philippe Nemo*. Paris, Fayard.
- LÉVINAS, E. 1993. *O Humanismo do outro Homem*. Petrópolis, Vozes.
- LÉVINAS, E. 2002. *De Deus que vêm à idéia*. Petrópolis, Vozes.
- PIZZUTI, G.M. 1985. Inattualità di Kierkegaard. In: G.M. PIZZUTI, *Kierkegaard: Esistenzialismo e Dramma della person*. Brescia, Morcelliana, p. 183-202.